

EMILY DRIELLE PASSOS DO AMARAL

**CAMPO E CIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA NA
VIRADA DO SÉCULO XIX E XX**

Trabalho Final de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Geografia como requisito parcial de
avaliação para obtenção do grau de
Licenciado em Geografia da
Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz
Araújo Sobrinho.

**Alexânia
2012**

EMILY DRIELLE PASSOS DO AMARAL

**CAMPO E CIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA NA
VIRADA DO SÉCULO XIX E XX**

Trabalho Final de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Geografia como requisito parcial de
avaliação para obtenção do grau de
Licenciado em Geografia da
Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz
Araújo Sobrinho.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho
Orientador/ UNB

Prof^ª. Ms. Karla Cristina Batista França
Docente/ UNB

Alexânia, 15 de Dezembro de 2012

Dedico este trabalho especialmente ao meu marido e grande companheiro, que sempre me acompanhou em todas as fases da minha vida acadêmica, que com inteira paciência me tem acompanhado nas idas e vindas ao pólo, durante os encontros presenciais e avaliações. Um longo caminho - Goiânia/Alexânia- percorremos para que se concluísse essa etapa da minha vida.

RESUMO

Este trabalho discute as relações entre campo e cidade, em *Terra Lavrada*, de Acácio Ribeiro Vallim, cujo enredo narra o surgimento de um povoado construído às margens da ferrovia Sorocabana, em meados do século XIX. Tem como objetivo contribuir para compreender a relação recíproca da literatura com o espaço geográfico, pois é importante entender o espaço em sua amplitude. O tipo de pesquisa utilizado foi a pesquisa bibliográfica, a qual se deu por meio de leitura, fichamentos e estudo de obras teóricas. Assim o foco é o estudo e análise do romance, correlacionando-o com as obras teóricas que trabalham o rural e o urbano numa visão histórico-social e socioeconômica. Os resultados da pesquisa apontam para o desenvolvimento tecnológico da cidade retratado na obra, sendo importante destacar que no transcorrer do romance percebe-se que a distância existente entre o rural e o urbano diminuiu gradativamente nos últimos anos, pois atualmente no campo as pessoas desfrutam de uma vida melhor utilizando artefatos da cidade. Desta forma, é possível perceber a modificação do ambiente causado pelo homem em suas atividades quando ocupa determinado lugar, bem como pode-se observar que o homem está relacionado diretamente ao espaço e suas constantes mudanças.

PALAVRAS-CHAVE: Campo; Cidade; *Terra Lavrada*; Geografia; Literatura Brasileira.

ABSTRACT

This paper discuss the relation between countryside and city, in *Terra Lavrada*, by Acácio Ribeiro Vallim which plot tells the appearance of a thorp built at the edges of Sorocabana railway, about XIX century. This article has as goal to contribute for the knowledge about the reciprocal relation between Literature and geographic space because it is important to understand the space in its amplitude. The research type used was the bibliographic research, which was done with reading, text microfiches, and analyses in theoretical texts. Thus the focus is the novel study and analyses correlating with theoretical texts which deal the rural and urban in a historical- social and socioeconomic approach. The results show that the city technological progress retracted at the story it is also important to detach the existent distance between the rural and urban decreased gradually in the last years. Because, nowadays, in the countryside people enjoy a better life using tools from the city. Then it is possible to realize the environment changes motivated by the human beings with their activities when they occupy any place it is possible to realize that the human being is directly related in the space and its constant changes.

KEY-WORDS: Camp; City; *Terra Lavrada*; Geography; Brazilian Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 CAMPO E CIDADE	10
1.1 Considerações sobre o campo.....	10
1.2 Campo e cidade: interfluências.....	14
2 CAMPO E CIDADE NA LITERATURA BRASILEIRAE NA GEOGRAFIA	16
2.1 Campo, cidade, literatura brasileira.....	16
2.2 Como a geografia entende campo e cidade.....	22
3 TERRA LAVRADA: ANÁLISE DO RURAL E URBANO	26
3.1 Acácio Ribeiro Vallim: vida e obra.....	26
3.2 O campo em <i>Terra Lavrada</i>	26
3.3 Campo e cidade em <i>Terra Lavrada</i>	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute as relações entre campo e cidade, sob a perspectiva da obra do jovem paulista Acácio Ribeiro Vallim, *Terra Lavrada* publicado em 1972, cujo enredo tem sua particularidade peculiar enunciando o surgimento de um povoado às margens da ferrovia Sorocaba, em meados de XIX. Neste trabalho analisamos a relação mútua entre o homem e a natureza no espaço geográfico, sendo que notamos o processo de urbanização, por meio dos impactos sociais, políticos ou econômicos. Nesse sentido afirma Santos (1986 p.37), o traço comum da paisagem é a combinação da natureza com objetos sociais e ser o resultado da acumulação das atividades de muitas gerações.

Assim, sendo é importante desenvolver a linha de pesquisa pautando-se nesse princípio de transformação do espaço geográfico, que antes era habitado por índios e em decorrência dos condicionantes espaciais apresentados na obra, como a entrada do homem “civilizado” nas matas, aos poucos o espaço geográfico sofreu modificações. São essas mudanças ocorridas no ambiente em estudo narrado na obra, nesse sentido busca-se entender o processo de cultivo da terra, e suas consequências sociais e ambientais, contudo podemos compreender as relações entre a literatura e experiência rural e urbana.

Deste modo, deve-se ressaltar que uma pesquisa dessa natureza pode ser útil ao profissional da geografia, envolvido diretamente no que tange o espaço e suas constantes mudanças, no sentido de oferecer-lhe uma abertura no cerne da história do desenvolvimento dessas intensas modificações sofridas no espaço, no transcorrer dos anos. Reconhecendo assim, a capacidade humana de conhecer o lugar onde se vive para compreender e planejar esse espaço, moldando esse espaço de acordo com as suas necessidades.

Segundo Daniels e Cosgrove “A paisagem é uma imagem cultural, um meio pictórico de representação, estruturação e simbolização surpreendentes, que pode assumir as mais variadas formas: a pintura na tela, a escrita no papel ou ainda um poema” (VILANOVA, 2005, p.45). É diante desse aspecto que podemos afirmar que a Literatura pode tornar-se um tema de estudo geográfico, desde meados de 70 que permeiam vários estudos concernentes a ambas linhas de estudo, tomando a Literatura como fonte integrante para os estudos geográficos, onde se buscava reminiscência sobre os lugares e os costumes dos tempos passados. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A Geografia é em si um saber interdisciplinar abandonou a posição de se constituir como uma ciência de síntese, ou seja, capaz de explicar o mundo sozinha, por isso a necessidade de buscar relacionar-se com outras ciências, transcendendo seus limites

conceituais sem, no entanto perder sua identidade e especificidade. (PCN's, 1999, p.39/40).

Notamos dessa maneira, a busca para se alcançar um trabalho interdisciplinar, deixando um pouco de lado informações pragmáticas da Geografia e alcançando a relação da Geografia com a Literatura, que nos últimos anos tem harmonizado um trabalho que busca o interesse e curiosidade sobre a leitura do espaço e da paisagem, obras que pintam distintas paisagens do Brasil, em seus aspectos sociais, culturais e naturais. Pautando-se nessas diretrizes, apontamos alguns questionamentos de foram objeto da pesquisa: Quais foram às mudanças ocorridas nas proximidades da região de Araçá? Quais foram os motivos que desencadearam a urbanização das terras que pertenciam aos índios?

O tipo de pesquisa utilizado foi a pesquisa bibliográfica, o estudo se deu por meio de leitura, fichamentos e estudo das obras teóricas após o que se partiu para a análise do romance, também com base em estudos de teoria literária; usando um tipo de raciocínio que parte de um dado geral para um dado particular, organizando destarte, o conhecimento já possuído.

O raciocínio dedutivo tem o objetivo de explicar o conteúdo das premissas. Por intermédio de umacadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chega a uma conclusão. Usa o silogismo, construção lógica para, a partir de duas premissas, retirar uma terceira logicamente decorrente das duas primeiras, denominada de conclusão (LAKATOS,1991, p. 48).

Primeiramente por meio de leitura, foi feito levantamento do material bibliográfico a ser lido, em seguida, foram produzidos esquemas, resumos e fichamentos do material lido. Assim, redigiu-se as resenhas para compor os textos mais relevantes. Então, foi elaborado o texto monográfico.

Em cada capítulo foi trabalhado o que aqui apontamos. Dessa maneira, no primeiro capítulo faremos algumas considerações sobre o campo e a cidade, no tópico 1.1 Considerações sobre o campo, partiremos do pressuposto da história das sociedades antigas, tomando como base a sociedade grega e a romana pelos seus modos de organização, princípios e regras que se perpetuaram ao longo dos anos. O campo e a cidade podem representar os modos de organização das pessoas, que são tão variados ou semelhantes, ambos abrigando o ser humano e lhes oferecendo condições para sobreviver.

No subcapítulo 1.2 Campo e Cidade: interfluências apresentaremos como o campo e a cidade se relacionam, como eles puderam ser vistos ao longo da história, destacaremos destarte que o campo poderia representar o sossego da vida em meio à natureza, a paz de

espírito aos que nele habitam e a vida simples e alegre de determinada comunidade. As cidades simbolizam a vida agitada na qual o trânsito deixa as pessoas irritadas, as vitrines decoradas chamam a atenção para o consumo aos que sorratamente saem para ir ao trabalho, a turbulência de uma vida corrida sempre limitada por horários a serem cumpridos. Mas nem sempre campo e cidade foram vistos somente deste modo.

No capítulo 2 trabalharemos: Campo, cidade, e o processo de urbanização, a visão dos mais variados autores no que concerne a esse tema o processo de urbanização, o êxodo rural que se estendeu ao longo dos anos.

No capítulo 3 o enfoque será no livro analisado *Terra Lavrada*. No tópico 3.1 analisaremos a vida e obra de Acácio Ribeiro Vallim o autor do livro. Em 3.2 O campo em *Terra Lavrada* abordaremos a obra apresentando o progresso de Araçai que trouxe muitos benefícios aos seus moradores, como a expansão e abertura de estradas, o processo de plantio: a agricultura, através de um árduo processo de descobrimento das terras, que já eram habitadas por índios, que iam sendo transformadas à medida que as fazendas se expandiam e ameaçavam a existência dos índios.

No entanto, tal calamidade é vista sem grandes problematizações, o crescimento e o desenvolvimento da tecnologia no lugar trouxeram consigo o extermínio dos indígenas habitantes da região do rio Parapanema, na divisa entre São Paulo e Paraná, uma vez que foram extintos, sendo as matas onde habitavam, e dali extraíam o seu alimento, resumidas em pastos e em lugar para a produção de café e outros cereais.

Em 3.3 Campo e cidade em *Terra Lavrada* analisar-se-a as relações existentes entre campo e cidade no romance *Terra Lavrada*, bem como averiguaremos as implicações de tais relações no contexto social e histórico, tal processo resulta num estudo que se debruça sobre o passado do processo de formação não só de Araçai, mas por extensão, de outras cidades brasileiras.

Há no romance a modificação do ambiente causado pelas pessoas em suas atividades quando ocupa determinado lugar, pode-se observar que o ser humano está relacionado diretamente no que tange o espaço e suas constantes mudanças. Rolnik (1988) nos confirma que a cidade, como ambiente construído e como necessidade histórica, é resultado da imaginação e do trabalho coletivo do homem que desafia a natureza.

E por fim serão feitas as considerações finais do trabalho.

Para a elaboração da pesquisa, buscamos autores que trazem grandes contribuições para se analisar o livro em estudo. Desse modo, esse trabalho se embasa em estudos já realizados, usando tanto os críticos literários, como os teóricos das ciências geográficas.

Todos os fatos da narrativa se encaixam perfeitamente num contexto, sócio-histórico e geográfico, para se consolidar numa criação literária:

A ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências do meio se incorporam à estrutura da obra- de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem substância do ato criador. (CANDIDO, 1987 apud BORGES, 2010, p.23)

Salientamos ainda que, em cada contexto histórico o campo e a cidade são visto sob diferentes aspectos, de acordo com as peculiaridades de cada época, pois de tempo em tempos, às pessoas vivem situações díspares, pois a cultura em cada período modifica, moderniza e com ela os costumes se alteram e a relação homem natureza atualiza. “Mas não só o campo e a cidade se transformam sob a condição de espaços concretos em constante mutação sócio-histórica: também os modos como ambos são assimilados pelas pessoas, ao longo dos tempos, tem mudado, de acordo as peculiaridades de cada contexto histórico.” (IGNÁCIO, 2010, p.18)

Diante do exposto, cabe nos considerar que o campo e a cidade podem ser vistos sob diferentes enfoques ao longo dos anos, atingindo uma gama de significados em termos de sentimentos e atividades; tanto no espaço quanto no tempo, um contraste intenso carregado de inúmeros sentimentos. Como diz Williams (2011), contraste entre o que parece natureza virgem- a presença física das árvores, aves, paisagens em movimento- e uma agricultura ativa, que na verdade produz boa parte da natureza [...] e os grandes prédios da civilização; os pontos de encontro; as bibliotecas e teatros, as torres e cúpulas; e –muitas vezes ainda mais emocionante –as casas, as ruas, a tensão e o entusiasmo de estar no meio de tanta gente, com tantas metas diferentes.

1 CAMPO E CIDADE

1.1 Considerações sobre o campo

Na história das sociedades antigas, tomamos como base a sociedade grega e a romana pelos seus modos de organização, princípios e regras que se perpetuaram ao longo dos anos. As épocas por elas vividas são facilmente marcadas pela sucessão de ideias advindas de cada pensamento humano. Essas sociedades adoravam divindades domésticas e através da religião constituiu-se a família, definiram-se níveis de parentesco e consagrou-se o direito de propriedade. “As mais antigas crenças desses povos baseavam se na religião tinha por objeto

os antepassados e por principal símbolo o lar; ela é que constituiu a família e estabeleceu as primeiras leis”. (COULANGES, 2009, p. 137).

Foram nesses tempos que derivou a necessidade de sepultura, pois falava-se que a alma se abrigava juntamente com o corpo e permanecia presa ao solo no lugar em que o corpo era enterrado; assim realizavam cerimônia fúnebre, pelo repouso e felicidade do morto, faziam ritos, esses costumes da época eram feitos de maneira formal e tais crenças levaram à criação de regras de conduta, pois se dizia que o morto necessitava de comida e bebida: um dever para que os vivos realizassem os banquetes fúnebres, e só era permitido cultuar os mortos pertencidos pelo sangue, como também os funerais só podiam ser realizados pelo parente mais próximo.

Para Fustel de Coulanges (2009), as tumbas eram os templos dessas divindades e era ali que o deus vivia sepultado e diante das tumbas havia um altar para os sacrifícios, como diante dos templos dos deuses. Percebemos, desse modo, que a visão da morte era um mistério aos olhos humanos e onde se enterravam os mortos se fixava uma moradia, constituindo-se os lares, estabelecendo-se o direito de morada sobre essa terra, que se tornava inseparável da família, sendo inviolável o direito de propriedade nessa sociedade antiga.

Cada casa continha um altar, sobre o qual devia haver cinzas e brasas acesas, sendo obrigação sagrada conservar o fogo aceso dia e noite; regras severas eram instituídas para alimentar o fogo, não sendo permitido qualquer tipo de madeira: Eram selecionadas as espécies usadas e em certos momentos do dia se colocavam sobre a lareira ervas secas, incensos e ofereciam-se sacrifícios. Considerava-se o fogo algo divino e pediam sua proteção. O fogo sagrado tinha como principal característica pertencer unicamente a cada família, cada chama resguardava os seus e rejeitava os alheios. Essa religião só podia se difundir pela geração conforme se instiga abaixo:

A geração estabelecia um laço misterioso entre a criança que nascia para a vida de todos os deuses da família [...] O filho ganhava ao nascer o direito de adorá-los e de lhes oferecer os sacrifícios; como também mais tarde, quando a morte o tivesse divinizado, devia por sua vez ser tido como um desses deuses da família. (COULANGES, 2009, p. 47).

Os membros das famílias viviam em seus lares invocando e crendo que em troca de tantas benfeitorias enviadas diariamente a suas divindades, receberiam como compensação os campos férteis, casa próspera e proteção. Com efeito, nota-se que os campos férteis significavam a prosperidade do lar, sendo tais bênçãos concedidas em troca de todas as

oferendas dadas por meio de sua religião doméstica, através de um elo que reunia os vivos junto aos antepassados, conservando nos lares a paz e o sossego da vida terrena.

Como também a ideia de propriedade privada que estava na própria religião, os povos antigos conservavam cerradamente a casa e suas terras. Os deuses que por eles eram invocados prestavam-lhes serviços protegendo o que lhes pertenciam. Esses deuses tinham morada fixa que eram as lareiras, as quais possuíam o lugar de serem colocadas em cada casa: o altar, e dali não podia ser retirada. Ainda de acordo com Fustel:

O deus da família quer ter uma morada fixa [...] quando se coloca a lareira, é com o pensamento e a esperança de que ele permaneça sempre naquele mesmo lugar. O deus instala-se ali, não por um dia nem mesmo pelo tempo de uma vida humana, mas por todo o tempo que essa família durar. (COULANGES, 2009, p. 73).

Pode-se perceber que a lareira toma posse do solo, e parte dessa terra se torna sua, pertence a uma família que alimenta suas chamas pelo sacrifício. Assim, a ideia do domicílio surge naturalmente. Então, os campos cultivados são considerados protegidos pela lareira, fazendo com que os demais moradores do lugar respeitem os limites de terras de cada origem, temendo cada um a religião doméstica do outro. Considerando sagrada cada parte da terra pertencente a uma família, que faziam atos religiosos continuamente a sua divindade, esses atos representava para as pessoas um vínculo com a terra, dela se apropriaram garantindo o direito sobre ela. “Tão soberano e inviolável é o direito de propriedade”. (COULANGES, 2009, p. 84).

A sociedade humana formou-se por meio de pequenos grupos, que aos poucos se agregaram uns aos outros. Primeiro as famílias se reuniram em tribos para depois formarem as cidades, isso ocorrendo num lento processo, à medida que os tempos se passavam. Esses grupos se associavam, mas não perdiam a individualidade.

A cidade na Antiguidade era uma confederação de vários grupos que já eram formados antes dela, e devido aos costumes de seus povos era obrigada a respeitar a tradição de cada povo, ou de cada família, não devendo intervir nos negócios, nem tirar do pai a autoridade de julgar seus filhos e sua esposa no lar. O costume e a crença baseados na religião reinaram nos lares por muitos séculos, pois eram eles que ditavam os modos de organização e gestação das cidades antigas:

Uma antiga crença exigia que o homem honrasse o antepassado; o culto do antepassado reuniu a família ao redor de um altar. Daí a primeira religião, as primeiras preces, a primeira ideia do dever e a primeira moral; daí também a propriedade estabelecida, a ordem da sucessão definida; daí por fim todo direito

privado e todas as regras da organização doméstica. Depois a crença cresceu e, com ela a associação. À proporção que os homens sentem que há para eles divindades comuns, unem-se em grupos mais amplos. As mesmas regras, descobertas e estabelecidas na família, aplicam-se sucessivamente à fratria, à tribo, à cidade. (COULANGES, 2009, p. 148).

Assim, através de um árduo processo de formação, as cidades antigas criavam corpo e expandiam impregnadas de crenças as quais os o povo carregava consigo, e de modo diverso do atual se organizavam valendo-se da religião para governar e administrar as cidades. Toda a carga doutrinária servia de modo coercitivo do povo, dominava-os e estabelecia limites à conduta humana, definindo todas as ações do homem e determinando seus hábitos.

As cidades foram sendo constituídas alastrando-se entre os campos, sofrendo os processos evolutivos pelos quais passam a sociedade, como tudo que é humano evolui e em consonância com tudo que está ao alcance do homem, com ele sofre as mudanças necessárias, adaptando se aos modos e condições do meio, sendo difícil mensurar a época em que as evoluções das cidades ocorreram desde os gregos e os romanos.

É importante ressaltar que, primeiramente, na vida privada, uma religião coordenava todos os atos da família; por conseguinte, essa religião constituía as famílias em sociedade e, destarte, a fundação das cidades se dava conforme os ritos e crenças utilizados pelo seu fundador, empregando-se atos sagrados para constituir os centros urbanos. Ressaltamos que desde esses tempos jazia a religião dominando o homem e os seus atos no decorrer da história. Percebemos uma série de evoluções que não ocorreram repentinamente, mas num longo processo de mudanças.

Todo esse espaço transformado e organizado de diferentes formas evoluiu de modo gradual e intenso. Observamos, desde então, a necessidade do homem de conviver em grupos, a aglomeração de pessoas que intensificou as possibilidades de troca de bens e serviços e a colaboração recíproca entre os homens, tornando-se fácil e prática a vida coletiva. “Na cidade da antiguidade, o atendimento a mercados urbanos possibilitou a especialização dos ofícios e, conseqüentemente, o desenvolvimento das técnicas (metalurgia, cerâmica, vidraçaria, cutelaria, etc.)” (ROLNIK, 1988, p. 26).

As atividades passaram a ser especializadas, constituindo-se a divisão do trabalho para atender a população, expandindo o caráter mercantil da cidade, que começa a se organizar em função do mercado, produzindo para subsistência, para o sustento da família e dos próprios produtores, suprindo também as necessidades básicas da comunidade.

Como afirma Raquel Rolnik, “No caso da Europa feudal, a subsistência do servo era garantida por sua ligação á terra e ao senhor. O feudo era o domínio de um nobre e abarcava as terras senhoriais [...], isto é, as terras que poderiam ser ocupadas pelo servo” (ROLNIK, 1988, p. 31). O senhor feudal possuía total domínio sob seus servos, e ele oferecia as terras e os servos prestavam-lhes serviços, vendia sua força de trabalho e cultivava a terra e as produções dessas terras eram divididas entre ambos, empregador e empregado.

1.2 Campo e cidade: interfluências

O campo e a cidade podem representar os modos de organização das pessoas, que são tão variados ou semelhantes, ambos abrigando o ser humano e lhes oferecendo condições para sobreviver. Tão somente em cada época as pessoas vivem

O campo poderia representar o sossego da vida em meio à natureza, a paz de espírito aos que nele habitam e a vida simples e alegre de determinada comunidade. As cidades simbolizam a vida agitada na qual o trânsito deixa as pessoas irritadas, as vitrines decoradas chamam a atenção para o consumo aos que sorrateiramente saem para ir ao trabalho, a turbulência de uma vida corrida sempre limitada por horários a serem cumpridos. Mas nem sempre campo e cidade foram vistos somente deste modo.

Em épocas diversas as pessoas viviam em conjunto estabelecendo trocas no que tange ao consumo dos mais variados produtos. Essas trocas não ocorrem somente nos tempos atuais, inclusive no Império Romano de tal modo ocorria a livre circulação de mercadorias, sendo que as cidades eram unidas por estradas e os portos se multiplicavam, exportando produtos para outras regiões como Sul da Rússia e Norte da África.

Em Roma, o Forum ficou reconhecido por ser o núcleo da vida pública onde as pessoas “ali se reuniam diariamente centenas de pessoas para fazer compras, cultuar os deuses, conversar, participar como atores ou expectadores dos negócios públicos ou processos privados”. (ROLNIK, 1988, p. 28).

As pessoas do campo participavam juntamente com os que moravam na cidade das mais variadas atrações dispostas nesse meio social, sendo isso o centro da vida cidadina composta das mais variadas diversões que entreteriam as pessoas nas diferentes épocas.

Já na Idade Média, impulsionado pelo comércio de longa distância, com o sistema feudal já enfraquecido pela inelasticidade da oferta de terras, pela necessidade cada vez maior de dinheiro, o senhor aumentava as pressões sobre o servo, este se revolta e começa a migrar para as cidades. Todo esse processo histórico gerou a movimentação em direção às cidades.

Nesse aspecto, os centros urbanos atraíam as pessoas e a partir de então deu-se início a super lotação da urbe, o êxodo rural, os que moravam no campo se sentiam atraídos pela vida na cidade, os camponeses se libertavam da servidão e iam em busca de trabalho. Os mercados forneciam a atividade manufatureira como a produção artesanal, refinaria de metais, à medida que as atividades comerciais e mercantis aumentavam e se diversificavam, as cidades começaram a se organizar administrativamente, fornecendo o financiamento e a contabilidade.

Com a queda do feudalismo, o advento do mercantilismo fez valer o capitalismo, sendo este o marco do período de transição dos modos distintos de produção, os quais culminariam com a Revolução Industrial. Raymond Williams nos confirma:

Significou uma transformação decisiva no direcionamento das relações entre campo e cidade [...] A Revolução Industrial não transformou só a cidade e o campo: ela baseou-se num capitalismo agrário altamente desenvolvido, tendo ocorrido muito cedo o desaparecimento do campesinato tradicional. (WILLIAMS, 2011, p. 12).

Assim, percebe-se que depois da Revolução Industrial, aos poucos adentraram os campos máquinas agrícolas, as quais substituíram o trabalho de vários indivíduos, deixando o homem de plantar apenas para suprir a necessidade de um pequeno grupo de pessoas.

A grande produção de mercadorias e alimentos fez com que surgisse o capital excedente, se estabelecesse a divisão do trabalho, com as novas formas de cultivo das terras a capacidade produtiva aumenta, fazendo com que o produtor camponês passasse a comprar produtos na cidade. Para Rolnik (1988) desta maneira, o trabalho de transformação da natureza é iniciado no campo e completado na cidade, passando o camponês a ser consumidor de produtos urbanos e estabelecendo-se então a troca entre cidade e campo. Salientamos ainda que, em cada contexto histórico, o campo e a cidade são vistos de acordo com as peculiaridades de cada época, pois de tempo em tempos, os seres humanos vivem situações díspares, pois a cultura em cada período modifica, moderniza e com ela os costumes se alteram e a relação homem natureza atualiza. Segundo Ewerton de Freitas Ignácio:

Não só o campo e a cidade se transformam sob a condição de espaços concretos em constante mutação sócio histórica: também os modos como ambos são assimilados pelas pessoas, ao longo dos tempos, tem mudado, de acordo as peculiaridades de cada contexto histórico. (IGNÁCIO, 2010, p. 18).

Como se nota, não acontece um desligamento brusco de uma forma de vida para outra totalmente diferente, mas aos poucos as relações trabalhistas se modificam e se

aperfeiçoam, tanto no rural quanto no urbano, num árduo processo histórico de aprimoramento das atividades, com lados positivos e negativos em cada esfera do trabalho:

Desse modo, se por um lado as conquistas da modernização acabaram por facilitar a vida do trabalhador rural, por outro lado fez com que a cidade – nesse contexto uma ferramenta para o desenvolvimento capitalista – manifestasse mais claramente suas contradições, a partir do surgimento de um grande contingente populacional cuja mão-de-obra não era completamente absorvida pelo sistema. Tem-se, nesse sentido, uma das principais causas para a formação dos cortiços, favelas ou, mesmo, para a conformação de locais que distam do centro da cidade, como os subúrbios. (IGNÁCIO, 2010, p. 18).

O campo e a cidade servem de palco para ambivalências onde se configuram os benefícios de uma vida prática rodeada de tecnologias que facilitam a vida dos indivíduos que moram na zona rural ou na zona urbana, mas ao mesmo tempo as pessoas são limitadas a alimentar o sistema capitalista.

Diante do exposto, cabe-nos considerar que o campo e a cidade podem ser vistos sob diferentes enfoques ao longo dos anos, atingindo uma gama de significados em termos de sentimentos e atividades; tanto no espaço quanto no tempo, um contraste intenso carregado de inúmeros sentimentos. Como afirma Williams (2011), contraste entre o que parece natureza virgem - a presença física das árvores, aves, paisagens em movimento - e uma agricultura ativa, que na verdade produz boa parte da natureza [...] e os grandes prédios da civilização; os pontos de encontro; as bibliotecas e teatros, as torres e cúpulas; e - muitas vezes ainda mais emocionante –as casas, as ruas, a tensão e o entusiasmo de estar no meio de tanta gente, com tantas metas diferentes.

2 CAMPO E CIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA E NA GEOGRAFIA

2.1 Campo, cidade, literatura brasileira

As primeiras cidades surgiram na Mesopotâmia, por volta dos anos 3500 a.C. Os homens começaram a abandonar a vida nômade, passaram a querer ter um lugar fixo para ali constituírem suas famílias e desfrutarem dos benefícios do cultivo das terras. Passaram a dominar a técnica do tijolo cozido, iniciando à construção dos lares fixando moradias. O ambiente natural passou a ser transformado pela ação humana. Segundo Ignácio (2010), foi em solo grego que as aglomerações urbanas passaram a adquirir uma importância significativamente mais relevante para a evolução da história urbana ocidental.

Atenas era a cidade onde os cidadãos se encontravam, para “assistirem as assembleias, nos eventos esportivos ou culturais, como o teatro, ou mesmo nos religiosos, todos realizados no Partenon. Nesse aspecto, essa cidade grega já se configurava como lugar do diálogo por excelência, intercâmbio verbal.” (IGNÁCIO, 2010, p. 16).

Seguindo essa linhagem histórica, com a queda de Roma e a estabilização do feudalismo, os centros urbanos começaram a perder sua vitalidade. Voltando aquecer somente com o reerguer do comércio, reconstituindo-se, para tanto, com o movimento mercantil, e logo em seguida com a Revolução Industrial que elencou a movimentação das cidades.

Foi esse processo de industrialização que modificou grandemente o ritmo da vida no campo, proporcionando o êxodo rural e culminando com a exacerbada concentração urbana e a formação dos grandes centros comerciais. Isso fez com que as cidades crescessem sob impactos sociais, políticos ou econômicos; a evolução do lugar, da cidade, da região é representada principalmente pela ação do homem que diariamente e de maneira intensa modifica esse espaço.

Esse processo dialético das necessidades de produção é resultado das relações do homem entre o campo e a cidade ao logo dos anos, como também a circulação e o constante consumo de mercadorias.

Como se nota, a relação entre campo e cidade se modifica, pois a cidade passa a tomar maiores proporções, e com ele fez ressurgir novas formas de funções, fazendo com que surgisse um movimento incessante de urbanização, transformando em zona urbana partes da extensão rural. Fazendeiros usando veículos automotores, as máquinas agrícolas por todos os lados, as estradas asfaltadas ocupando as mais variadas partes dos lugares; efeitos da modernização no espaço, a vontade do homem de desfrutar dos benefícios de uma vida mais prática no campo.

É na literatura que podemos ver os efeitos dessa relação homem x natureza, bem como os reflexos de uma sociedade moderna. Em pleno XIX, no romance *Senhora*, de José de Alencar, nota-se os traços luxuosos e refinados das atividades sociais burguesas, no qual a temática do casamento como modo de ascensão social se manifesta, o autor registra valores e comportamentos da sociedade carioca e à fragilidade dos valores burgueses resultantes do capitalismo brasileiro.

Alencar faz crítica ao matrimônio por interesse, relatando a vida de Fernando Seixas que é "comprado" para se casar com Aurélia Camargo. Aurélia herdara do avô uma fortuna com a qual se vingava de Fernando, que a havia desprezado quando ela era pobre. Ela encarrega seu tutor, Lemos, de oferecer a Fernando, através de negociações secretas, o casamento com

uma rica jovem, tendo como dote cem contos de réis. No entanto, determina que ele assine um contrato que o condiciona a conhecer a noiva somente no dia do casamento. Fernando aceita a proposta, e depois de se casar descobre que é Aurélia. Na noite de núpcias, portanto, Aurélia o humilha, apelidando-o de “oportunista” e “vendido”, então ambos passam a viver como estranhos no seu lar. Assim, Alencar retrata as grandes mazelas da sociedade capitalista brasileira de seu tempo, o que nos lembra as considerações de Ignácio sobre as relações entre cidade e personagens:

Tem-se, dessa maneira, por um lado, a configuração de romances que formalizam, no universo literário, questões socioeconômicas concernentes à realidade brasileira, de modo a refletir, ficcionalmente, os moldes e os valores de toda uma organização econômico-social de bases agrárias e, por outro lado, romances que têm como tema o retrato do homem urbano, prisioneiro da cidade, que se lhe afigura como local em que não se encontram os meios para a plena realização dos seus anseios. (IGNÁCIO, 2010, p. 21).

A experiência urbana alastra-se por todos os lados, tornando-se eixo central dos mais variados temas da literatura, pois as cidades brasileiras passam pelo processo de urbanização e pelas novidades e surpresas do contexto citadino. “A experiência urbana na literatura brasileira se torna de fato relevante, não tanto em razão do processo de urbanização e de modernização pelo qual as cidades brasileiras estavam passando por essa época, mas muito mais em razão do esgotamento ou da crise da experiência da vida rural.” (GIL, 2004, p. 07).

Temos outra obra na literatura brasileira que demonstra esse cenário urbano *O cortiço* narrado por Aluísio Azevedo, a história se desenrola no Brasil do século XIX. O início da narrativa se dá com João Romão enriquecendo. Para economizar dinheiro, ele abusa da boa vontade dos empregados e também furta para conseguir realizar os seus desígnios. João Romão é o dono do cortiço. Ele possui uma amante, Bertoleza, que diariamente o auxilia, trabalhando sem descanso. Com trabalho João constrói as casas, e à proporção que eram terminadas, logo se enchiam, “sem ao menos dar tempo a que as tintas secassem”.

João Romão dono do cortiço e Miranda vizinho dono de um belo sobrado, situado nas proximidades das propriedades de João. Ambos podem representar a classe burguesa presente na obra, sendo estes comerciantes portugueses, movidos pela ambição, querem acima de tudo ascensão social. São eles inimigos, detestam um ao outro, João sente inveja da posição social de Miranda, assim como Miranda odeia João por este não tê-lo vendido um pedaço de suas terras para aumentar seu quintal.

Naquele lugar exceto os comerciantes portugueses, juntava toda a gente do trabalho como os empregados da pedreira que havia logo abaixo, muito perto, assim toda essa gente

preferiam morar lá no cortiço, porque ficava perto para ir ao trabalho. Ali fora construído para serem alugadas quarenta e cinco casinhas e tinas para lavadeiras. As casas eram alugadas por mês e as tinas por dia. Naquele lugar havia muito espaço para estender roupas e abundância de água. Dessa maneira, ali se constituiu uma grande lavanderia. Destarte, aquele lugar se transformou num grande marulhar de gentes. Abaixo Corrêa faz algumas considerações do que possa ser esse espaço urbano:

Primeiramente por ser reflexo social e fragmentado, o espaço urbano, especialmente o da cidade capitalista, é profundamente desigual: a desigualdade constitui-se em característica própria do espaço urbano capitalista [...] As áreas residenciais segregadas representam papel ponderável no processo de reprodução das relações de produção, no bojo do qual se reproduzem as diversas classes sociais e suas frações: os bairros são os locais de reprodução dos diversos grupos sociais. (CORREA, 1993, p.08).

É em meio essa diversidade espacial e seus variados modos de organização que os bairros se estabelecem, fazendo com que aconteça a chamada segregação espacial. Configura-se um cenário no qual os personagens fundamentais são os residentes de um cortiço no Rio de Janeiro, antecessor das favelas, lugar onde moram os excluídos, os humildes, todos aqueles que não tinham condição de residir nos arredores burgueses. O interessante da narrativa é que todos os residentes naquele cortiço possuíam problemas como o vício, assim perpetua-se o meio como produto para a construção dos personagens.

Um bom exemplo para demonstrar a má influência do meio sobre o ser humano é o episódio do português Jerônimo residente no cortiço, que possui uma vida exemplar, mas acaba se iludindo com a sensualidade da mestiça Rita Baiana. Tem-se uma modificação da vida do português trabalhador, que transforma todos os seus hábitos ao se apaixonar por Rita. No cortiço reside tão somente, pessoas de menor ambição financeira, destacam-se a Rita Baiana e Capoeira Firmo, Jerônimo e Piedade.

Como podemos notar o século XIX sobreveio no âmbito da literatura à produção de obras que procurava retomar a configuração romântica do Brasil dos séculos anteriores. Contudo, vários autores buscaram por em evidência as particularidades regionais em suas obras. Notamos a expressão da realidade social culminando com os momentos históricos de determinadas regiões. O regionalismo da época oscila entre rural e urbano.

No romance “*A escrava Isaura*”, de Bernardo Guimarães, o enredo se passa na região de Campos dos Goitacazes (RJ), numa fazenda. Isaura, escrava branca e bem-educada, passa a ser importunada pelo seu senhor, Leôncio, que é recém-casado com Malvina. Isaura morando no mesmo teto do senhor passa a recusar a ceder aos apelos sexuais de Leôncio, este

indignado ameaça Isaura e a manda para a senzala, assim ela começa a trabalhar com as outras escravas. A mulata suporta passivamente o rumo que a vida lhe destina, entretanto, sempre rejeita a Leôncio, afirmando: “ - Não, por certo, meu senhor; o coração é livre; ninguém pode escravizá-lo, nem o próprio dono.”(Guimarães, 1998).

Em meio aos fatos o pai da Isaura consegue fugir com a filha para Recife (PE). Em Recife, Isaura muda seu nome para Elvira e vive recolhida numa modesta casa com o pai.

Na alta sociedade, ela conhece Álvaro, se apaixona pelo moço e seu amor é correspondido. Num belo dia, Isaura vai a um baile com Álvaro, e é reconhecida por Leôncio. Álvaro é surpreendido ao saber que sua amada era escrava, mas decidido impede que Leôncio a leve de volta, tenta comprá-la, mas o desprezível senhor se recusa a vendê-la e conduz Isaura de volta ao cativeiro na fazenda.

Leôncio está falido e Álvaro descobre a falência, decidido ele compra as dívidas dos credores, e torna-se dono de todo o patrimônio de Leôncio, inclusive de seus escravos. Assim, Álvaro volta à fazenda desmascara o velho, e pede a mão de Isaura em casamento. Sobrepujado e infeliz, Leôncio suicida-se.

Diante do enredo do romance, nota-se a oscilação de cenário que se passa tanto no espaço rural quanto no urbano. No desenrolar dos fatos, o narrador descreve minuciosamente os espaços em que se passa à narrativa. Como o trecho em que a natureza nos arredores da fazenda é considerada virgem “ostentava-se ainda em toda a sua primitiva e selvática rudeza” (Guimarães, 1998, p.11). Tal definição é própria das obras românticas, as cenas transpiram o bucólico, o campestres, imagens idealizadas.

Na cidade o narrador mostra a alta sociedade recifense, os lugares em que Isaura freqüentava como os saraus:

É um lindo prédio onde uma sociedade escolhida costuma dar brilhantes saraus. Alguns estudantes dos mais ricos e elegantes, também costumam descer da velha Olinda em noites determinadas, para ali virem se espanejar entre os esplendores e harmonias, entre as sedas e perfumes do salão do baile...(GUIMARAES, 1998, p.64).

Isaura a escrava mestiça: branca e bela com seus encantos junta-se ao ambiente luxuoso desconhecido. Como se pode notar na descrição do prédio onde a mais bem-conceituada sociedade do Recife visitava.

Desse modo, a modernidade se assemelhou ao progresso, pensada como um lugar transformado pela Revolução Industrial, e seguindo esse progresso contínuo de modificações as relações entre o homem e os espaços alteram-se gradativamente. As representações da

cidade na literatura são construídas de acordo com os costumes e a cultura de cada povo. Esses modos de se organizar refletem na cena escrita, os textos escritos, refletem não somente os costumes como também os aspectos físico-geográficos que cruzam o imaginário das pessoas, constituindo as narrativas que tematizam o mundo urbano, apresentando cenários que oscilam entre o campo e a cidade, como podemos destacar abaixo:

Indagar sobre as representações da cidade na cena escrita construída pela literatura, é basicamente, ler textos que lêem a cidade, considerando não só os aspectos físico-geográficos (a paisagem urbana), os dados culturais mais específicos, os costumes, os tipos humanos, mas também a cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a memória da cidade e a cidade da memória. É, enfim considerar a cidade como um discurso, verdadeiramente uma linguagem, uma vez que fala a seus habitantes: falamos a nossa cidade, onde nos encontramos, quando a habitamos, a percorremos, a olhamos. (GOMES, 1996, p. 07).

É neste contexto que, desde o Romantismo na literatura brasileira surge a preocupação de valorizar a cultura nacional, a preocupação de valorizar a terra, o espetáculo da natureza. Como bem destaca Ignácio:

Em relação ao enquadramento dos universos rural e citadino no contexto da literatura brasileira, percebe-se que, desde o advento do Romantismo, com a tomada de consciência de nossa nacionalidade, houve a configuração de uma preocupação temática no sentido de valorizar a terra, a paisagem e o homem que habitava o que condicionou e justificou o surgimento de narrativas que, no século XIX, época em que nasceu o romance brasileiro, retratavam um cenário caracteristicamente urbano ou cenários campestres. (IGNÁCIO, 2010, p. 20).

Avançando no espaço, destacamos a obra “*A cidade sitiada*” de Clarice Lispector. Narrado na década de 20, entre as linhas é narrada a história de Lucrecia Neves, moça casada, casara com o intento de esquivar da rotina da vida no subúrbio de São Geraldo, lugar em que residia com a mãe. Mateus Correia, é o moço em que a pede em casamento, com este marido Lucrecia ambicionava ter uma vida mais requintada e socialmente mais frenética. Assim que se casa, a mãe Ana decide morar no sítio.

Depois de morar com o marido num hotel situado na grande cidade, começa a desfrutar das graças de uma cidade moderna, passa a freqüentar teatros e festas.

A medida que o tempo se passa, Lucrecia decide retornar com o esposo para São Geraldo ele aceita passivamente a idéia, o lugar se encontra num ritmo acelerado ocasionado pelo desenvolvimento e modernização. A mudança ocorrida no antigo subúrbio modifica a história de vida dos habitantes. Lucrecia, desejosa da vida citadina se empolga com o desenvolver da cidade, porém ocorre que logo seu marido falece. Morando sozinha a vida ali em São Geraldo não tem para ela nenhuma graça. A mãe preocupada com a vida solitária da

filha lhe envia uma carta, comentando que ali no sítio tinha “um possível pretendente”, imediatamente Lucrecia resolve vender o sobrado: único bem que a prendia a cidade urbanizada que crescia dando as pessoas uma boa qualidade de vida, e vai morar com a mãe no sítio.

Os ambientes urbanos para os quais a personagem se desloca apresenta correspondência com as impressões e sensações de Lucrecia, pois a vida da protagonista conforme os lugares que ela vive estão em conformidade com o seu estado emocional. Pois ao mudar de uma cidade para outra, seu espírito está inquietante sedento da vida tumultuada da cidade, ao perder o marido Lucrecia si entristece por perder o marido e volta para o sítio a morar na paz e no sossego da vida campestre.

Ao enviuvar-se de Mateus, a referida heroína, perplexa e aturdida em meio a um cenário urbano em que a presença das máquinas passou a preponderar, configurando um novo modo de vida, mais tecnocrata, mais agitado e que, a despeito das inovações tecnológicas – ou talvez por isso mesmo –, anulava o passado, plasmando um processo de desconstrução da memória – metaforizado na demolição do prédio dos Correios e Telégrafos –, bem como fazendo a existência dos indivíduos submergir na conformação de uma massa anônima e indiferente, decidiu, após ter recebido uma missiva da mãe, que lhe falava de um suposto futuro marido, vender o sobrado e mudar-se imediatamente para o sítio. A ida de Lucrecia Neves para o campo se dá não apenas pelo fato de ela vislumbrar, com essa mudança, a possibilidade de um novo e promissor casamento, mas também porque lhe surge uma oportunidade de se mudar para um espaço em que poderia se realizar como sujeito, uma vez que seu antigo subúrbio, recém-configurado como uma cidade em franco processo de modernização, não mais lhe ofereceria oportunidades de ser notada, observada, admirada, personalidade completamente anulada, como o seria na massa anônima da cidade grande. (IGNÁCIO, 2010, p.134).

Por fim, configura-se na literatura brasileira uma diversidade de textos que refletem o espaço habitado pelo homem, numa turbulência de informações que configura todo arcabouço de contexto social, retratado e registrado no universo literário. Há o que se falar, ainda, das mazelas sociais neste contexto citadino, em que os efeitos da urbanização vêm trazer tanta inquietação, destruindo o ambiente natural do homem e afetando a paisagem rural. É em meio a esses conflitos que as personagens transitam entre o campestre e citadino.

2.2 Como a geografia entende campo e cidade

A presença do homem no mundo, fez com este se tornasse essencialmente o centro do universo. O antropocentrismo perpetrou uma realidade na qual o mundo se modificou, pois a natureza deixou de obedecer as leis naturais, e o homem com suas capacidades intelectuais

imprimiu ao mundo uma nova realidade, simplesmente com a sua presença no meio ambiente. O ser humano com sua inteligência tem a capacidade de alterar a ação das forças naturais, então a natureza passa a se sujeitar as adaptações diversas imposta pela civilização, de tal maneira a natureza se amolda as finalidades do homem.

O homem planeja, descobre, pois ele é detentor do conhecimento e por meio de técnicas ele prever oscilações das condições naturais analisadas em relação com as atividades produzidas nesta ou naquela área. Como por exemplo, o produtor que aplica inseticidas na plantação, este já prevê que os insetos atacam a lavoura e para isso já utiliza o produto que aplaca a destruição de sua plantação.

Dentre tais aspectos, notamos que o avanço tecnológico implantou um espaço transformado, ou seja, um espaço artificial, “com o avanço da técnica, os objetos criados substituem cada vez mais os objetos naturais, mas aparecem também como objetos naturais aos olhos das novas gerações. É a história de sua produção que distingue a natureza herdeira do natural e a que provém do artifício” (SANTOS, 1988, p.28).

Várias especulações tomam conta do cenário social, dentre tais, podemos destacar como a geografia entende campo e cidade. É em meio a esses espaços diversos e distintos que trazemos em nossa mente imagens que retratam os mais diversos lugares. Muitos descrevem a cidade como um amontoado de construções, ou pensam em muita gente. O campo nos remeteria a outro espaço pensaríamos em uma extensa propriedade coberta por árvores das mais diversas, ou talvez em casebres dentre uma vasta área agrícola, seriam essas as verdadeiras imagens que cercam o imaginário das pessoas.

Sabemos que na atualidade o mundo rural, tornou-se um espaço cada vez mais heterogêneo, diverso, não somente caracterizado como o cerne da vida agrícola. O desenvolvimento da atividade industrial, acompanhado do crescimento urbano proporcionou o movimento de migração para os grandes centros das cidades: a migração para a urbe passa a ser uma necessidade de sobrevivência e de reprodução da unidade rural. Assim, as noções de espaço habitado alteraram-se grandemente após a Revolução Industrial.

Campo e cidade passaram a ser classificados das mais diversas maneiras no transcorrer dos tempos, pelos seus modos de evolução e exploração que se perpetuaram. A geografia diferente das demais ciências, é que assume a tarefa de caracterizar as unidades regionais fruto da distribuição espacial, pois é nesse espaço que se solidifica fatores socioeconômicos. Segundo Braga e Carvalho:

A cidade pode ser entendida como a intervenção mais radical do homem na paisagem. Pode ser compreendida como a síntese da civilização, cujo modo de vida permeia não apenas sua estrutura, mas toda a sua região de influência, moldando um mundo urbano além das suas fronteiras. A cidade é o lugar onde o homem pode desenvolver melhor as suas faculdades intelectuais, dada a coexistência plural de grupos sociais; sendo assim, um lugar onde se pode exercitar de forma ampliada a escolha de um modo de vida mais diverso e, conseqüentemente, a liberdade. (BRAGA; CARVALHO, 2004, p.01).

Nota-se que para a Geografia, a cidade seria o ato da intervenção humana no meio ambiente, é restritamente nesse lugar que se culminam os processos civilizatórios, pois nesse espaço repleto de pessoas é necessário que se construam espaços amigáveis. Lugar onde as pessoas estabelecem relações sociais.

Desde tempos mais remotos, cerca de 5.500 anos os espaços passaram a ser urbanizados, assim as sociedades tornaram-se cada vez mais complexas. Estabeleceram a divisão do trabalho, fazendo com que gerasse o excedente, possibilitando a troca, como também as pessoas viram a necessidade da especialização em determinadas atividades. No Brasil, o processo de urbanização se consolidou tardiamente, em meados do século XIX:

No ano de 1900, menos de 10% da população brasileira moravam em áreas urbanas e apenas quatro cidades brasileiras possuíam mais que 100 mil habitantes: Rio de Janeiro, com 691 mil habitantes, São Paulo (que graças à cafeicultura já era a segunda maior cidade brasileira), com 239 mil habitantes, Salvador, com 205 mil habitantes e Recife, com 113 mil habitantes.” (BRAGA; CARVALHO, 2004, p.06).

A criação de um meio geográfico mais artificial foi construído gradativamente, a paisagem natural foi perdendo sua vitalidade, prevalecendo um meio mais artificial ocasionado pela edificação de artefatos, e pela necessidade do homem de sobreviver em meio a intensificação da urbanização. O meio agrícola beneficiado pelo progresso científico, se reduz a mão de obra sendo representado estatisticamente um habitante rural para alimentar a cada dez urbanos, isso significa uma mudança quantitativa sendo que “No século XIX, para alimentar um urbano eram necessárias cerca de sessenta pessoas trabalhando no campo. Essa proporção vai modificando-se ao longo destes dois séculos.” (SANTOS, 1988, p.16).

Assim o desenvolvimento urbano, produz novas demandas, pois a cidade e o campo passam a ser espaços cada vez mais instrumentalizados satisfazendo aos ditames da ciência. No campo o capital estável, enseja a produção acelerada, os grandes produtores rurais investem em fertilizantes, inseticidas, sementes selecionadas e maquinários para a plantação. É esse capital que viabiliza a implementação das estradas, facilitando grandemente a

circulação rápida e eficiente para o abastecimento das cidades, desse modo a natureza passa a satisfazer os desejos do homem, transformando a natureza virgem em natureza hostil.

As mudanças são quantitativas, mas também qualitativas. Se até mesmo nos inícios dos tempos modernos as cidades ainda contavam com jardins, isso vai tornando-se mais raro: o meio urbano é cada vez mais um meio artificial, fabricado com restos da natureza primitiva crescentemente encobertos pelas obras dos homens. A agricultura passa, então, a se beneficiar dos progressos científicos e tecnológicos, que asseguram uma produção maior sobre porções de terra menores. Os progressos da química e da genética, juntamente com as novas possibilidades criadas pela mecanização, multiplicam a produtividade agrícola, e reduzem as necessidades de mão-de-obra no campo. A urbanização ganha, assim, novo impulso e o espaço do homem, tanto nas cidades como no campo, vai tornando-se um espaço cada vez mais instrumentalizado, culturizado, tecnificado e cada vez mais trabalhado segundo os ditames da ciência [...] Os transportes se modernizam, encurtando as distâncias entre as cidades e dentro delas. (SANTOS, 1988, p.16).

Somente com o advento da industrialização, que de fato o processo de urbanização se intensifica, fazendo com que partes das regiões brasileiras se constituíssem efetivamente como a região Sudeste. “O espaço habitado se tornou 'um meio geográfico completamente diverso do que fora na aurora dos tempos históricos. Não pode ser comparado, qualitativa ou estruturalmente, ao espaço do homem anterior à Revolução Industrial” (SANTOS, 1988, p.16).

A cidade se constitui em meio a esses fatos históricos e sociais. É na urbe que o homem tornou-se livre para escolher, para trabalhar em determinados ofícios; diferentemente da época do feudalismo. A medida que as técnicas de produção agrícola proporcionou a formação do excedente de produtos alimentares - que tomava boa parte da mão de obra de muitos homens- estes puderam se empenhar a desenvolver atividades diferenciadas, a cidade passou a fornecer as pessoas “os serviços não agrícolas”. Como afirma Milton Santos:

A cidade reúne um considerável número das chamadas profissões cultas, possibilitando o intercâmbio entre elas, sendo que a criação e a transmissão do conhecimento têm nela lugar privilegiado [...] a cidade é um elemento impulsionador do desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas. Diga-se, então, que é a cidade lugar de ebulição permanente. (SANTOS, 1988, p.19).

Com efeito são estabelecidas novas relações entre campo e cidade, não podemos esquecer que durante séculos campo-cidade interagiam reciprocamente. É após a industrialização que se modernizou essa relação por meio de atividades agrícolas mecanizadas e as cidades com suas redes de comunicação e atividades que unem milhares de pessoas, “as cidades atraem a indústria devido a estes dois fatores essenciais (mão-de-obra e mercado e,

por sua vez, a indústria desenvolve novas possibilidades de empregos e suscita serviços” (CASTELLS, 2006, p.45).

3 *TERRA LAVRADA: ANÁLISE DO RURAL E URBANO*

3.1 Acácio Ribeiro Vallim: vida e obra

Acácio Ribeiro Vallim, fundador, médico. Nascido em São Paulo na cidade de São João da Boa Vista, em 09 de Abril de 1900. Ingressou, em 1921, na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, onde concluiu o curso, defendeu a tese: “Contribuição para o estudo dos coccídeos em geral”.

Paralelamente, a esse curso fez o curso de Bacteriologia, Protozoologia e Parasitologia, em Manguinhos. Foi membro do Colégio Internacional de Cirurgiões e as pós-graduações em Ginecologia, pela University of Ann Arbor, em Michigan, Estados Unidos, e pela Universidade de São Paulo. Integrante da Academia Santista de Letras e da Academia de Letras de São João da Boa Vista.

São de sua autoria os livros “Cadernos de recordações”, “Girivá, notas íntimas”, “Crepúsculo rural”, “Dias de esperança”, “Terra lavrada” e “Caminhos do coração”. Teve vários de seus trabalhos publicados em importantes revistas e jornais.

O romance *Terra Lavrada*, descreve o processo de modificação do espaço numa cidade imaginária situada no interior de São Paulo, um povoado que tem por nome Araçaí. É uma ferrovia construída em meio às cidades e regiões desbravadas pelo homem, que influencia o progresso de Araçaí.

3.2 O campo em *Terra Lavrada*

O romance escrito por Acácio Ribeiro Vallim descreve um cenário de modificação do espaço no decorrer dos tempos, cujo enredo enuncia a história do nascer de um povoado, às margens da futura ferrovia Sorocabana, em meados do século XIX. Araçaí, cidade imaginária que é vista como sinônimo de riqueza e prosperidade serve de palco para a narração da história. A fábula do romance é simples, sendo narrada em terceira pessoa e trazendo uma alusão ao campo e à cidade. Desse modo, o campo surge como um lugar de progresso, que aos poucos pode ser transformado pela ação do homem, um lugar em que a prosperidade de uma vida tranquila poderia ser encontrada.

O progresso de Araçaí trouxe muitos benefícios aos seus moradores, como a expansão e abertura de estradas e o plantio. E é nos arredores de Araçaí que surge um árduo processo de descobrimento das terras, que já eram habitadas por índios. As terras iam sendo transformadas à medida que as fazendas se expandiam e ameaçavam a existência dos nativos.

No entanto, tal calamidade é vista sem grandes problematizações. O crescimento e o desenvolvimento da tecnologia no local trouxeram consigo o extermínio dos indígenas, habitantes da região do rio Parapanema, na divisa entre São Paulo e Paraná. Ao serem extintos, as matas onde habitavam e extraíam o seu alimento, foram transformadas em pastos em lavoras de café e de outros cereais.

O romance relata a realidade da vida no sertão Alfredo Carneiro, um dos principais personagens da história, homem rude e forte, com uma sagaz esperteza, desbravou as matas que rodeava a cidade de Araçaí. Com força e disposição, chegara à cidade, mas por lá não tendo encontrado lugar para alojar a família, se dispôs a adentrar as matas para lhe garantir terras. Dá-se, dessa maneira, o início do enredo: Alfredo e seus dois filhos entrando num carreiro levando consigo víveres para um mês e ferramentas como: machado, foice, enxadas, dentre outras.

E, assim, inicia-se a destruição das matas, o que é registrado pelo narrador como sinônimo de progresso: os matagais eram derrubados por esses intrusos desastradamente, com muita dificuldade, pelo porte de cada árvore e pelas poucas ferramentas, de tal modo que as madeiras derrubadas eram usadas para construir o rancho:

No fim de dois meses estavam concluídos: o rancho tosco, coberto de estipes de palmito partido em dois, solidamente cercado, a horta capinada a facão com a água da bica borbulhando num poço, antes de forçar o regato, toda protegida por uma cerca em forma de paliçada e o fogão aceso, enviando para o alto uma coluna de fumaça a desaparecer no céu, rústicos no sertão hostil. (VALLIM, 1972, p. 19).

De modo bem claro, esse fragmento do texto expõe de maneira positiva o desenvolvimento do lugar, a partir do momento em que Alfredo Carneiro e seus dois filhos começam a derrubar árvores para construir o rancho para abrigar sua família e ali desfrutar dos benefícios da terra. A água pura contida no lugar garantia a quem viesse terras férteis e produtivas; e ao explorar o lugar o homem aproveitava-se das maravilhas naturais fornecidas, para se manter, desfrutando de uma vegetação abundante nesse solo produtivo, assim o homem necessita de espaço e o planeja para viver, como afirma Gonçalves (2009, p.09):

Os homens precisam de lugares para viver. As sociedades aprenderam a se organizar no espaço criando lugares seguros e funcionais, por exemplo: o canto mais protegido da caverna, a formação de uma aldeia, a disposição dos cômodos de uma casa a ser habitada, a aglomeração de prédios na avenida de uma grande cidade, etc.

Esse processo de produção do espaço se dá à medida que o homem faz de suas necessidades um meio de produção e modificação do lugar, transformando o espaço e fazendo surgir nele os frutos de seus anseios e nele se dá concretização de conflitos e contradições advindos da realidade das relações entre natureza e espaço transformado pela ação humana. Lefebvre (1974), já nos finais dos anos 60, dizia que *“os processos de produção do espaço geográfico, consistem na reprodução das forças capitalistas, e é em cada lugar que essas relações capitalistas se manifestam através da força de produção”*.

No romance, notamos esse processo de modificação que surgiu com a necessidade do homem de adquirir sua subsistência, modificando o lugar para nele fazer surgir o produto de seus anseios. Alfredo reconhece que é ali que desenharia os planos para o futuro, com sua família. Retorna, então, à cidade e já encontra a sua mulher, que deixara grávida, com o filho já um tanto crescido.

No entanto, seus planos ao retornar não eram somente de rever a mulher, a filha e a criança, mas levar consigo vários homens para se fixar e explorar a terra. Para isso, ele faz a propaganda do “paraíso” donde viera:

A terra é de primeira. Não há igual em parte alguma. Dá tudo é só plantar. Carpa, só de facão, não precisa enxada. A área pode ser pequena porque produz dez vezes mais que os rapadouros donde viemos. O barreiro será a nossa ceva. O rio dá peixe, pode pescar até sem isca: uma folhinha verde no anzol serve de engodo. O peixe vem e a gente fisga. Vamos trabalhar e ficaremos ricos aqui. É o melhor negócio que já tive. As onças, vamos abatendo. Quantas já matamos no barreiro e no mato! Irão desaparecendo. Contratamos gente da vila, alguns se aclimatam, adquirem experiência no sertão, decidem-se e prosperam [...] Em agosto pomos fogo no mato derrubado, e, vamos todos. Trarei mais gente, construiremos um rancho grande, paiol, monjolo e chiqueiro. Uma cerca para animais de sela, cargueiro e vaca parida. Este vale está desbastado. Tudo pronto para os melhoramentos. (VALLIM, 1972, p. 24).

Percebemos, nesse trecho, a capacidade humana de conhecer o local onde se vive para compreender e planejar esse lugar, moldando o espaço de acordo com as suas necessidades.

Com o clarear do dia, os trabalhos eram iniciados, com os homens bem alimentados. Dez homens com Alfredo Carneiro medindo espaços e os filhos marcando, abriam covas na queimada e sessenta homens na mata virgem praticavam a maior derrubada naquelas bandas [...] Sessenta machadeiros golpeavam sessenta troncos até a metade da circunferência, partindo do espigão para baixo. Depois procuravam outros

sessenta troncos em linha para serem golpeados da mesma maneira [...] as grandes árvores abatidas arrastavam as da frente, que, por sua vez, caíam sobre outros, e assim por diante [...] era o fim do mundo. Os troncos abatidos caíam sobre os mais próximos, arrastando-os na queda, esmagando a vegetação mais rala, e depois sobre os seguintes [...] formando um tapete verde, macio, que se adelgaçava, enquanto um ruído estranho enchia o espaço: o marulhar de águas da galharia, vibrando, e troncos estalando as fibras seculares arrebetadas na queda. (VALLIM, 1972, p. 56).

No decorrer do romance, nota-se a transformação intensa e profunda no campo, que se dava com os colonizadores que, se multiplicavam, aprofundavam pelas selvas e se consideravam donos da terra que cultivavam. O desbravamento do sertão- “quaisquer espaços amplos, longínquos, desconhecidos, desabitados e poucos habitados” (AMADO, 1995, p.148)- prossegue à medida que essas pessoas se ocupavam da mata e faziam instalações onde pudessem abrigar mulher e filhos, e assim iniciavam a derrubada para as primeiras roças.

Desse modo, a terra absorvia toda a gente, que se transformava em sitiantes e, depois, em fazendeiros, garantindo o enriquecimento da zona e a prosperidade do povo. Como destaca Williams,

A verdadeira origem do processo de mudança estava no sistema de capitalismo agrário em desenvolvimento, o qual como sempre acontece na história do capitalismo, conseguiu transformar o meio de modo extraordinariamente produtivo, utilizando tanto os homens quanto a natureza como instrumento para a realização de um propósito dominante. (WILLIAMS, 2011, p. 141).

Os projetos do homem, assim, vão além da satisfação pessoal e ocupam lugar no sistema de produção que envolve a todos: o capitalismo dominante. Nas palavras de Juca Procópio, notamos um olhar empreendedor visando o desenvolvimento das terras férteis desbravadas pelo companheiro:

Compadre, jamais vi coisa assim; os trabalhos renderam muito sob sua direção. Você tem prática. Escolheu muito bem as terras. Reserva essa terra para o café. Dentro de três anos, teremos transporte fácil. A estrada de ferro vai passar por aqui. Não sei bem qual o traçado. Plante café. Não esperava que a derrubada ficasse pronta tão cedo. (VALLIM, 1972, p. 59).

Então, os campos extensos de matas virgens iam aos poucos sendo derrubados para a plantação de café, mais de cem alqueires para mais duzentos mil de floresta abatida, com planos ainda para a plantação de cereais e cana. As lavouras tomaram conta do cenário antes bucólico, transformando as terras em lavouras. Sendo inicialmente um lugar de paz e sossego, onde índios moravam as quais foram devastadas pela ação humana, perpetuando-se o poder do homem sobre a natureza. Segundo Carlos (2008, p.32):

O espaço geográfico é o produto, num dado momento, do estado da sociedade, portanto um produto histórico; é resultado da atividade de uma série de gerações que através do seu trabalho acumulado tem agido sobre ele, modificando-o, humanizando-o, tornando-o um produto cada vez mais distanciado do meio natural. Suas relações com a sociedade se apresentam de forma diversa sob diferentes graus de desenvolvimento.

À medida que esse espaço passa a ser produzido de maneira intensa pelo ser humano, surge o confronto do homem branco com os indígenas no início da trama. Quando Alfredo chega a Araçaí e lá não encontra terras, José Eliseu, homem que fazia a divisão das terras do lugar e o cadastro das famílias que para ali iam disse a Alfredo: “Quer mesmo terra? Acho que só do lado de lá do rio. Pra cá está tudo ocupado. Mas lá tem bugres... Ave Maria...” (VALLIM, 1972, p. 10).

O crescimento e o desenvolvimento urbano fizeram com que os habitantes da região se expandissem. Então, os conflitos causados por ganância e desejo de apossar de toda a terra acarretou um grande problema: à medida que as fazendas tomavam grandes proporções e os índios ficavam sem lugar para se alojar, migravam de um lugar para outro. Após a fundação das lavouras cafeeiras, Alfredo Carneiro, um dos primeiros que desbravara a floresta à procura de morada e terras, se aloja nas terras e lá começa a construir a sede da fazenda, quando sua filha e o filho caçula são raptados.

Anteriormente, Deretá, um índio, começara a visitar a fazenda. Quando ele vinha à fazenda Alfredo sempre lhe oferecia doces e pinga e, repentinamente, Deretá, não mais vinha às visitas. Assim, o pai das crianças logo associou a ideia de que seus filhos haviam sido sequestrados pelo bugre. Então, o fazendeiro adentra as matas com o intuito de trazer de volta os filhos e, após um dia de longa caminhada, presencia do alto de uma árvore o batismo de seu filho pelos indígenas, onde a criança era jogada no poço, e os índios se lançavam às águas, para resgata-la, e Deretá saía da água com o menino nos braços.

Alfredo Carneiro volta à fazenda e planeja o resgate de seus filhos numa madrugada sangrenta:

Alfredo Carneiro entrou na taba [...] Foi por trás, procurando o alojamento do cacique, segurando o punhal com energia. Tateando no escuro, começou a chacina friamente e deu aviso à filha. Todo bugre que encontrou apunhalou-o sem piedade [...] Maria agachou-se num canto, agarrada ao menino, que começou a chorar assustado. O pajé logo apareceu dando alarma, e foi apunhalado [...] Do lado do alojamento dos solteiros, índios, como formigas apareceram, tontos, desorientados agredindo uns aos outros na escuridão. Foram apunhalados, e jorrando sangue, tentaram fugir, mas tomaram tiros [...] Durou muito tempo a charqueada [...] Alfredo achava-se banhado de sangue. O formigueiro indígena, composto de crianças e mulheres, relocava-se em direção ao curso d' água. Carregando feridos, entraram

nas canoas e, com os sobreviventes moribundos, partiram rio abaixo. (VALLIM, 1972, p. 81).

O preço pelo rapto tivera sido alto, pois toda a tribo tinha sofrido as consequências. Porém, Maria, a filha do fazendeiro, no tempo em que ficara na tribo engravidou do cacique e assim que ganhou a criança, colocou-lhe o nome de Turiaçu, em homenagem ao pai, que morrera na chacina daquela noite turbulenta. Alfredo branco e assassino dos silvícolas teve um neto índio, fruto da miscigenação racial.

Como forma de amenizar a pesada violência que cometera, na noite em que resgatara seus filhos, colocou o neto como único herdeiro da fazenda formada por ele: “*Turiaçu será o dono de tudo isso. Os meus filhos podem procurar estabelecer fundações mais distantes; uma para cada filho. Agora serei administrador do meu neto.*” (VALLIM, 1972, p. 89).

No transcorrer do romance, o narrador insere o conflito dos indígenas e brancos, como uma mera obra do acaso, frutos do progresso, de um lugar com terras onde a prosperidade e a fartura de alimentos, produção de grãos, gado e cana, permitia a total exploração das terras e dos povos que lá moravam.

No entanto, a fartura das terras pode ao mesmo tempo representar a exploração exacerbada do homem, contribuindo para a degradação do campo. A urbanização, então, passa a tomar conta de vários lugares, inclusive das matas e florestas onde os indígenas são obrigados a se alojar em meio ao espaço, tomado pela tecnologia e pela civilização.

3.3 Campo e cidade em *Terra Lavrada*

Analisar as relações existentes entre campo e cidade no romance *Terra Lavrada*, bem como averiguar as implicações de tais relações no contexto social e histórico, pode resultar em um estudo que se debruce sobre o passado do processo de formação, não só de Araçáí, mas por extensão, de outras cidades brasileiras.

Como destacado, a transformação do meio ambiente é causada pela intervenção do homem em suas atividades, utilizando os recursos naturais do lugar para o sustento do povo. Para Carlos (2008, p.38):

A sociedade produz seu próprio mundo de relações a partir de uma base material, um modo que se vai desenvolvendo e criando à medida que se aprofundam as relações da sociedade com a natureza. Esta, aos poucos, deixa de ser natural primitiva e desconhecida para se transformar em algo humano. A paisagem ganha novas cores e matizes, novos elementos e é reproduzida de acordo com as necessidades humanas.

Há no romance a modificação do ambiente causado pelas pessoas em suas atividades quando ocupa determinado lugar. Pode-se observar que o ser humano está relacionado diretamente ao espaço e as suas constantes mudanças. Rolnik (1988) nos confirma que a cidade, como ambiente construído e como necessidade histórica, é resultado da imaginação e do trabalho coletivo do homem que desafia a natureza.

Com efeito, podemos asseverar que não somente as cidades são resultado da imaginação e do trabalho coletivo do homem, como também o campo tem sido alterado pela ação humana. Então, no campo e na cidade, através do processo de urbanização e desenvolvimento tecnológico, os modos de vida das pessoas mudaram muito, e tem se resumido em trocas recíprocas em que a imagem da cidade como centro de produção e consumo domina totalmente a cena urbana, e as pessoas que moram no campo vem à cidade partilhar desse sistema contínuo de trocas, que advém de tempos remotos.

Conforme Carlos (2008, p. 50), *“O espaço é entendido em função do processo de trabalho que o produz e reproduz a partir da relação do homem com a natureza. Assim, o espaço se cria a partir da natureza que é totalmente transformada no curso de gerações”*.

Como na cidade de Araçaí, o crescimento proporcionou às pessoas condições de vida melhor e a vila tomou forma urbanística, com a chegada da ferrovia Sorocabana. Os moradores da vila exportavam madeira. Cada um se organizava e assumia profissões diferenciadas, suprimindo as necessidades da sociedade civilizada que se formara como destaca Vallim (1972, p.26):

O arraial continuava a crescer, agora em formação de cidade. As primeiras ruas, de casa de telha e tijolos, apareceram em ordem urbanística, porque uma olaria fora fundada. O oleiro, José Lamas, errou na localização da cerâmica, porque foi logo envolvido pelo crescimento da vila, imprevisível, e continuou a trabalhar numa praça regorgitante de gente, onde o dinheiro corria [...] a reconstrução da vila começou de maneira ousada, pretendo chegar logo a cidade. A madeira, as serrarias forneciam, chegando até para exportação, que a Sorocabana transportava [...] engenheiros chegaram e iniciaram estudos para o novo traçado ferroviário.

Contudo, as pessoas se organizavam de maneiras distintas ganhavam dinheiro e supriam a demanda da sociedade em formação, *“todas as atividades eram regamente compensadas naquele sertão, sedento de valores humanos.”* (VALLIM, 1972, p. 31).

A vida do povo transcorria com a prosperidade da vila. A chegada do circo proporcionou a alegria de todos, e aos poucos todos do circo resolveram desfazê-lo e se alojarem ali em Araçaí, sem idéia de regresso. Assim, a vila teve a população aumentada e

suas atividades alargadas, dando velocidade inicial do seu progresso: um povo unido que não resistiu ao apelo do solo virgem.

A cidade é produto e condição de reprodução de uma sociedade. Sua estruturação física em diferentes bairros, ricos e pobres, setores urbanos, salubres e insalubres, apropriações da natureza, centros e periferias são a manifestação das relações socioeconômicas, do acesso desigual aos meios e condições de produção e de trabalho, historicamente determinadas. Em suma, a estruturação interna de uma cidade reflete a organização social tanto na sua produção como na distribuição dos seus bônus (BRAGA; CARVALHO, 2004, p.09).

No transcorrer da história, Araçáí cresce de modo implacável, e assim vários fatos ocorrem, à medida que a vila passa a ser metrópole. Na fazenda de Alfredo Carneiro, o tráfego ferroviário dava ritmo à vida social da zona agrícola. Em meio aos fatos, o narrador muda o espaço da narrativa, deixando de se referir à cidade em desenvolvimento, e passando a fazer menção à cidade de São Paulo, para onde vai Stanislau Gervis, um estrangeiro húngaro que havia feito fortuna em Araçáí, de lá saindo milionário para fazer investimentos na capital.

A partir desse momento, o narrador começa a relatar a vida desse empresário que casa com sua secretária Maria Lúcia e com ela tivera sete filhos. Constituíram um lar muito turbulento, com filhos que não tinham limites, saíam e passavam a noite fora de casa, como destaca o narrador:

Maus estudantes, nem ao menos concluíram o ginásio. Incontrolados procuravam a escola quando eram convidados a trabalhar, e logo deixavam o trabalho para estudar. No final das contas, nem uma coisa nem outra. E assim, passavam o tempo. Mal educados, passavam o tempo habituaram-se a passar a noite fora de casa, recolhendo-se alta madrugada, com o dia já claro. Com o pai ausente, cuidando sempre de seus altos negócios e de toda a sorte de interesses, e a mãe mantendo vida amorosa fora do lar, ficaram soltos. Ninguém tinha autoridade para traçar-lhes diretrizes educacionais. (VALLIM, 1972, p. 189).

A intenção do narrador é vincular a ideia de que o dinheiro não só traz prosperidade às famílias, mas também pode destruir os lares, transformando-os em lugares demasiadamente erráticos: os filhos que viviam como bem queriam, pois não tinham o apoio nem as limitações dos pais.

A mãe dos meninos, irritada de receber toda a carga para cuidar dos filhos, fica carente da atenção do marido e se desilude com seus filhos, que não a respeita e passa a viver um caso amoroso, com o ex- colega de trabalho, funcionário de seu marido. O dinheiro degenera o lar.

O filho mais velho morre de tanto usar mofina. E logo, o marido sofre de uma doença que a medicina não consegue curá-la e também vem a óbito, deixando a esposa e os outros filhos num completo desespero. Para Carlos (2008, p.84), “Coexiste um processo de alienação imposto pelo desenvolvimento do capital que nos leva a refletir sobre o homem-máquina ou homem-mercadoria, também nos permite pensar na liberdade e na possibilidade de transformação da cidade”.

O desenvolvimento urbano traz consigo as mazelas da sociedade, que se vê imersa no trabalho, nas drogas, na falta de tempo até para com a família. “Há um idealismo na massa humana, que debate inutilmente. Muito sonho para tanta pobreza.” (VALLIM, 1972, p. 160). Com o êxodo rural, as cidades se inflamam com a quantidade de pessoas que transitam diariamente. Elas buscam melhores condições de vida na cidade, mesmo vivendo em condições de vida precária.

A urbanização afeta todo o espaço, não só a cidade como também o campo, graças aos efeitos da modernização tecnológica que atinge o campo. Assim, destaca Rolnik (1988, p.12):

Com o decorrer do tempo, a cidade deixou de se restringir a um aglomerado de construções para significar, de modo mais abrangente, a ‘predominância da cidade sobre o campo’. Periferias, subúrbios, distritos industriais, estradas e vias expressas recobrem e absorvem zonas agrícolas num movimento incessante de urbanização [...] transformando em urbana a sociedade como um todo.

De tal modo, fica difícil a distinção entre o campo e a cidade, pois diante de tantas semelhanças com a chegada da modernização, as cidades se estenderam por todo o espaço tomando conta dos campos, “na busca de algum sinal que pudesse apontar uma característica essencial da cidade de qualquer tempo ou lugar, a imagem que me veio à cabeça foi a de um ímã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra homens.” (ROLNIK, 1988, p. 12).

No término da obra, o narrador traz clara a mensagem, em breves palavras, de que o desenvolvimento nem sempre significa progresso e conforto para todas as pessoas que convivem diariamente umas com as outras.

O título *Terra Lavrada* deixa claro que as terras produziam toda a fartura de alimento, quando explorada, como a cana, o café e o gado, trazendo riqueza às famílias. No entanto, pode ainda significar, como resultado das atividades humanas, do crescimento das atividades produtivas e econômicas: a devastação das áreas vegetais, a perda da biodiversidade do local, a degradação do solo e o aumento da incidência do processo de

desertificação, erosões, mudanças climáticas e na hidrografia do local, como também a dizimação dos índios que estavam em seu *habitat* natural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por finalidade analisar as relações existentes entre campo e a cidade no romance *Terra Lavrada*, com o objetivo de averiguar as implicações de tais relações no contexto social e histórico, um estudo que se debruça sobre o passado do processo de formação de algumas cidades brasileiras.

No primeiro capítulo, apresentamos algumas considerações sobre o campo, indagando fatos ocorridos nas sociedades da Antiguidade e seus modos de organização que se perpetuaram ao longo dos anos, como a ideia da propriedade privada. Em seguida, enfatizamos o processo de formação das cidades, através dos pequenos grupos que se estabeleciam e agregavam a outros, formando os centros urbanos. Destacamos ainda que, nos tempos mais remotos as pessoas do campo participavam juntamente com os que moravam na cidade das mais variadas atrações dispostas nesse meio social, sendo isso o centro da vida cidadina composta das mais variadas diversões que entreteriam as pessoas nas diferentes épocas.

E é nesse processo de intensas interações que o campo e a cidade produzem mercadorias e alimentos, estabelecem a divisão do trabalho. Pode-se notar que, em cada contexto histórico, o campo e a cidade são vistos de acordo com as peculiaridades de cada época, pois de tempo em tempos, os seres humanos vivem situações díspares, pois a cultura em cada período modifica, moderniza e com ela os costumes se alteram e a relação homem natureza atualiza.

No segundo capítulo, analisamos a experiência rural e urbana associada à literatura brasileira, pois é nela, através dos textos, que são registrados e retratados os modos de vida do ser humano em determinadas épocas. Partindo desse pressuposto que buscamos considerar o contexto cultural da época na literatura, observando as transformações ocorridas no mundo do trabalho rural e sua relação com a cidade, o progresso da vida do homem registrado nos meios literários. É na literatura que podemos ver os efeitos dessa relação homem x natureza, bem como os reflexos de uma sociedade moderna.

A experiência urbana estende-se por todos os lados, tornando-se eixo central de vários temas da literatura, pois as cidades brasileiras em meados do século XIX e XX passam

pelo processo de desenvolvimento e urbanização num pleno contexto de novidades e surpresas do contexto citadino.

Trabalhamos ainda, como geografia entende campo e cidade, em meio a esses espaços diversos destacamos que trazemos em nossa mente imagens que retratam os mais diversos lugares. Muitos descrevem a cidade como um amontoado de construções, ou pensam em muita gente. O campo nos remeteria a outro espaço pensaríamos em uma extensa propriedade coberta por árvores das mais diversas, ou talvez em casebres dentre uma vasta área agrícola.

Para a geografia atualmente o mundo rural, tornou-se um espaço cada vez mais heterogêneo, diverso, não somente marcado como o núcleo da vida agrícola. O alargamento de atividades industriais veio acompanhando o crescimento urbano, que proporcionou o movimento de migração para os grandes centros das cidades: a migração para a urbe passa a ser uma necessidade de sobrevivência e de reprodução da unidade rural. Assim, as noções de espaço habitado modificaram-se fortemente depois da Revolução Industrial.

No terceiro capítulo, discorreremos inicialmente sobre a vida de Acácio Ribeiro Vallim autor do romance em estudo. Consideramos como é representado o campo em *Terra Lavrada*, averiguando as relações existentes entre campo e cidade no livro, nos atentamos aos modos de organização de vida do ser humano.

No romance, percebemos a modificação do ambiente causado pelo homem em suas atividades quando ocupa determinado lugar. É de se notar que o homem está relacionado diretamente ao espaço e as suas constantes mudanças. Ao fazer a análise do livro, identificamos o processo de apropriação do espaço rural e a transformação desse espaço bucólico em urbano. Pode-se notar como desenvolveu o processo de cultivo da terra e as consequências sociais e ambientais dessas modificações causadas pelo homem em suas atividades, quando ocupa determinado lugar.

Não se pode deixar de enfatizar que, no transcorrer do romance o narrador insere o conflito dos indígenas e brancos, como uma mera obra do acaso, frutos do progresso, de um lugar com terras onde a prosperidade e a fartura de alimentos, produção de grãos, gado e cana, permitia o total monopólio das terras e dos povos que lá moravam. No entanto, a fartura das terras pode ao mesmo tempo significar a exploração exacerbada do homem, que contribui diretamente para a degradação do campo. A urbanização, então, passa a tomar conta de vários lugares, inclusive das matas e florestas onde os indígenas são obrigados a se alojar em meio ao espaço, tomado pela tecnologia e pela civilização.

Diante do exposto, é de suma importância tal estudo, pois ele pôde contribuir para uma melhor compreensão da literatura com o espaço geográfico, pois atualmente é importante entender o espaço em sua amplitude, desde os fatos históricos de sua formação até a época contemporânea.

Com efeito, certificamos que não somente as cidades são resultado da imaginação e do trabalho coletivo do homem, como também o campo tem sido modificado pela ação humana. Então, no campo e na cidade, através do processo de urbanização e desenvolvimento tecnológico, os modos de vida das pessoas mudaram muito, e tem se resumido em trocas recíprocas em que o conceito da cidade se sobressai como centro de produção e consumo, e as pessoas que habitam no campo vem à cidade participar desse sistema contínuo de trocas, que advém de tempos remotos.

REFERENCIAS

- AMADO, Janaína. *Região, Sertão, Nação*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.08, n. 15, 1995, p.145-151.
- BRAGA, Roberto; CARVALHO, Pompeu Figueiredo. *Cidade: Espaço da Cidadania*. Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação: Ensino de Geografia. São Paulo: UNESP-PROPP, 2004.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino médio, vol. 4. Ciências Humanas e suas tecnologias* Brasília: MEC/SEF, 1999.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O que é o espaço urbano?*. São Paulo: Ática, 1993.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *A rede urbana*. São Paulo: ática, 1994.
- GIL, Fernando Cerisara. *O romance da urbanização*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- GODOY, Paulo. *Uma reflexão sobre a produção do espaço*. Rio Claro, jun. 2004. Estudos Geográficos.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- GONÇALVES, Leandro Forgiarini de. *Sobre a intensidade da experiência de lugar: a construção da realidade na prática do cotidiano*. In: XII EGAL – ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. Montevideu, 3 a 7 de abril de 2009.
- GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. São Paulo: FTD, 1998.
- IGNÁCIO, Ewerton de Freitas. *O campo, a cidade e uma felicidade inalcançada: Uma leitura de “A cidade sitiada” de Clarice Lispector*. Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG. Inhumas, v.2, n.2- Outubro. 2010.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. *A Produção do Espaço*. Paris: Armand Colin, 1974.

MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História - suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

VALLIM, Acácio Ribeiro. *Terra Lavrada*. São Paulo: EGRT, 1972.

VILANOVA, M.A.N. *Geografia e Literatura: Decifrando a Paisagem dos Mocambos do Recife*. 2005. 111f. Teses (Mestrado em Geografia)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. Companhia das Letras. São Paulo, 2011.